

PROCESSOS GRUPAIS EM UM DISPOSITIVO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

NATÁLIA STORCH CAMARGO¹; LÍVIA LAVALL²; CERES BRAGA AREJANO³

¹*Universidade Federal do Rio Grande – nstorchcamargo@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande – livialavall10@gmail.com*

³*Universidade Federal do Rio Grande – arejanoceres@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Para Salles e Miranda (2016), a institucionalização de sujeitos promove a perda da autopercepção de si e de suas subjetividades, de forma a gerar a alienação dessas pessoas que (sobre)vivem nesses espaços psiquiátricos hostis, que por vezes sequer pensam em formas de vida no futuro. A Reforma Psiquiátrica Brasileira, associada às políticas antimanicomiais, têm possibilitado a desinstitucionalização de sujeitos e sua reinserção na sociedade. No entanto, é preciso estar em constante avaliação do cenário para que não se retorne a uma realidade de institucionalização, isolamento e estigma, na medida em que ainda existem construtos manicomiais interiorizados no subjetivo coletivo (MORAES, 2008; SALLES & MIRANDA, 2016).

A partir disso, destaca-se a importância de um cuidado e uma atenção psicossociais baseados na integralidade dos serviços e nos princípios comunitários e sociais (PAIVA et al., 2014). Nesse sentido, surgem as premissas da Psicologia Social na priorização da articulação entre o sujeito e a sua subjetividade e no olhar para o contexto social, histórico e cultural o qual está inserido, para também inferir os determinantes sociais que o levaram a situação que o marginaliza, a exemplo da estigmatização dos indivíduos com problemas relativos ao uso abusivo de substâncias químicas (CFP, 2019).

Fazendo um recorte sobre os sujeitos em tratamento da dependência de drogas, a institucionalização não é uma forma eficaz na recuperação, como exposto. Pode-se pensar, sob esse viés, que processos grupais, por irem além das teorias e técnicas e serem parte do cotidiano das pessoas, são alternativas fundamentais na recuperação do dependente químico, já que possibilitam trocas e o reconhecimento no outro - que é parte dessa experiência rica e diversa que um grupo permite (SANTOS & DE CASTRO, 2011).

Sobre essa questão, Martins (2007) discorre - sobre Processos Grupais para Silvia Lane - que, de início, existe a identificação do problema como exclusivo, como demanda individual, e, ao propiciar a reunião com um grupo, o indivíduo percebe que os problemas se assemelham pelas condições sociais de vida a que são submetidos. Por isso, discute-se o papel determinante do processo grupal para a superação do individualismo, necessária para realizar um trabalho comunitário que busque consciência social e dê autonomia aos indivíduos, no sentido de perceber que, diferente da ação individual isolada, a organização coletiva pode proporcionar a satisfação de necessidades comuns.

Com base na literatura científica estudada sobre Psicologia Social e a articulação com a dependência química e os processos grupais e a partir da proposta da atividade de extensão da disciplina de Psicologia Social do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), as autoras deste estudo realizaram visitas observacionais ao Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE) na cidade de Rio Grande/RS. O CENPRE é um programa de extensão do Instituto de Ciências

Biológicas (ICB) vinculado à farmacologia, localizado no Hospital Universitário (HU) da FURG.

Este relato de experiência apresenta a vivência de duas discentes no CENPRE. De modo específico, objetiva refletir sobre a importância dos grupos na reabilitação psicossocial de dependentes químicos em um dispositivo da rede, sobretudo devido à problemática da lógica manicomial e hospitalocêntrica, dominantes até o século XX e ainda presentes no imaginário coletivo (MACHADO & SANTOS, 2012; MORAES, 2008).

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de discentes de psicologia da FURG, o qual resultou de uma atividade extensionista da disciplina de Psicologia Social, com o intuito de conhecer dispositivos da rede e fazer uma análise com base no Manual de Referências Técnicas de Álcool e Outras Drogas (MRTAD) do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), elaborado pelo Conselho Federal Federal de Psicologia (CFP, 2019), e outros achados da literatura científica sobre a temática.

Primeiramente, estabeleceu-se uma vinculação com a coordenadora geral do CENPRE, a partir de uma reunião inicial para entender a dinâmica do local e organizar a distribuição das visitas, as quais foram realizadas com a observação dos processos grupais existentes no dispositivo, através do acompanhamento dos grupos de apoio denominados **Grupo Em-Frente** e **Grupo de Tabagismo**, considerando que foram os que tiveram maior adesão dentre todos observados, que não serão citados neste estudo. As visitas observacionais ocorreram no período de sete a dezesseis de agosto de 2024 e foram intercaladas pelas alunas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Durante a observação dos grupos de apoio, percebeu-se o impacto que esses têm sobre o processo de recuperação e reabilitação psicossocial dos usuários do dispositivo, no sentido de contribuir para a identificação dos participantes nos desafios coletivos. Os grupos que terão enfoque serão divididos a seguir.

Grupo de Apoio Geral/Em Frente: Percebido como um dos grupos mais importantes no viés coletivo, foi assistido no dia treze de agosto. Além da própria percepção das alunas sobre a repercussão da fala coletiva, membros da roda de conversa verbalizaram a importância do momento para a identificação do seu processo pessoal na experiência do outro e na partilha de desafios comuns, caráter imprescindível de ser analisado em processos grupais que, segundo Lane (1980, p. 96), se desenvolve na “intersecção da história individual com a história da sociedade a qual o indivíduo pertence”, existindo como estrutura social e realidade total que não pode ser subtraída à soma de seus integrantes de maneira isolada, mas como uma perspectiva destes inseridos em um processo histórico (MORAES, 2008). Nesse sentido, o processo grupal referido preza pelo respeito às individualidades e ao tempo necessário a cada um, mas de maneira que essas vivências se entrelacem num contexto social e histórico em partilha.

Grupo de Tabagismo: Aconteceu na sequência do Grupo Familiar e contou com um número maior de participantes - cerca de oito -, além do terapeuta e dos estagiários. O encontro iniciou com o incentivo do terapeuta aos usuários para comentarem sobre os últimos acontecimentos de suas vidas, incluindo ou não a questão do uso do tabaco, prática que vai de encontro ao MRTAD do CREPOP, o qual enfatiza as questões sócio-históricas e culturais associadas a



esse uso em uma abordagem de forma integral e contextual (CFP, 2019). Essas premissas podem ser associadas aos processos grupais, visto que percorrem a vida do ser humano e lhe atravessam de diferentes formas, trazendo destaque para o constante convívio coletivo que o ser humano tem (ZIMERMAN, 2007), que são essenciais para a formação da subjetividade de cada um, o que possibilita a identificação entre os participantes, promovendo, assim, um senso de comunidade (GALVANESE, NASCIMENTO & D'OLIVEIRA, 2013; BECHELLI & SANTOS, 2004). Percebemos a essência de se articular os atravessamentos de cada sujeito aos grupos, o que permeou grande parte dos encontros no CENPRE, promovendo o apoio através do entendimento mútuo para uma reabilitação psicossocial mais efetiva.

Diante dessa experiência no CENPRE, as autoras perceberam grande correlação entre a teoria social comunitária de processos grupais com a prática do local, o que vai ao encontro com o que Barbosa et al (2021, p. 8) dizem sobre grupos: “a construção de espaços que possibilitam a escuta, a socialização, o respeito, o compartilhamento das experiências, dos constrangimentos e das dores, bem como das alegrias, dos prazeres e das sublimações, se apresentam como um modo de resistência e existência diante de uma realidade cada dia mais injusta”.

Para além do conhecimento da dinâmica do local, foi possível instruir-se acerca de aspectos do contexto da dependência de substâncias químicas e como os grupos de apoio são essenciais nesse processo de reabilitação e reinserção social, de maneira que se enxerga a experiência grupal enquanto processo, a partir da construção conjunta entre seus membros, baseada na concepção histórica e dialética do processo grupal de Silvia Lane, sendo que o desenvolvimento do grupo permeia a história individual e coletiva de cada participante (MORAES, 2008).

4. CONSIDERAÇÕES

Diante dos objetivos descritos neste estudo, assim como seus resultados, concluímos - juntando os achados da literatura científica à prática observada - a importância de grupos terapêuticos para a atenção psicossocial no sentido da recuperação de dependentes químicos em dispositivos da rede - nesse caso, sob o viés analítico do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos -, e especialmente de forma a se desconectar à ótica institucionalizante e manicomial tida décadas atrás.

Como discutido, os grupos possibilitaram as trocas de experiências - muitas dessas semelhantes entre os participantes no recorte do uso de drogas, promovendo a identificação entre eles. Além disso, a experiência grupal propiciou uma potencial rede de apoio entre os integrantes, uma vez que estes passaram a articular coletivamente outras questões que permeiam suas vidas, para além do objetivo central e comum que os agrupam.

Por fim, a experiência de observação em um dispositivo de rede de atenção psicossocial se constituiu como uma ferramenta de intenso crescimento em níveis acadêmico e pessoal para as universitárias, de maneira a propiciar o contato direto com a praxe psicossocial e a uma realidade social de grupos minoritários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, E. A. G. et al. Grupo de Apoio Psicológico aos Trabalhadores em Situação de Desemprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. e222779, p. 1–13, 2021.

BECHELLI, L. P. DE C.; SANTOS, M. A. DOS. Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. **Revista Latino-americana Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 242–249, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) em Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas**. 2^a. ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2019.

GALVANESE, A. T. C.; NASCIMENTO, A. DE F.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Arte, cultura e cuidado nos centros de atencao psicossocial. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 2, p. 360–367, 2013.

MACHADO, V. C.; SANTOS, M. A. DOS. O apoio familiar na perspectiva do paciente em reintegração psiquiátrica: um estudo qualitativo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 42, p. 793–806, 2012.

MARTINS, S. T. F. M. Psicologia Social e Processo Grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 2: 76-80, 2007.

MORAES, M. Modelo de atenção integral à saúde para tratamento de problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas: percepções de usuários, acompanhantes e profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(1):121-133, 2008.

LANE, S. T. M. (1980). Uma redefinição da Psicologia Social. **Educação & Sociedade**, São Paulo, 2(6), 96-103.

PAIVA, F. S. DE et al. A percepção profissional e comunitária sobre a reinserção social dos usuários de drogas. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 696–706, 2014.

SALLES, A. C. R. R.; MIRANDA, L. Desvincular-se do manicômio, apropriar-se da vida: persistentes desafios da desinstitucionalização. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 369–379, 2016.

SANTOS, A. DE O.; DE CASTRO, E. O. Demanda por grupos, psicologia e controle. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 325–331, 1 ago. 2011.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2^a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.